

É UM MAL A EXPANSÃO DA PECUÁRIA PAULISTA ?

Por muito repetido e aceito, ganhou fôros de verdade incontrastavel o conceito de que o avanço da pecuária paulista, quase sempre feito à custa da transformação de terras de cuitura e, pastagens, representa um atrazo e mais, uma verdadeira marcha à ré no progresso do Estado. Seria, assim como uma renúncia do povo paulista aos estágios mais altos do desenvolvimento econômico, caracterizado por alto índice de produtividade individual numa população densa, com uma dinâmica econômica capaz de assegurar-lhe padrões de vida sempre crescentes. A exploração do gado de córte, seria o isolamento, a rarefação demográfica, a sujeição do homem a níveis inferiores de vida, a estagnação das cidades do interior, o atrazo, retrogradação enfim. Ora, embora não se possa negar a justeza, até certo ponto ao menos, de muitas das alegações invocadas por aqueles que perfilham tal tése, não se deve ignorar certos aspectos que muito as infirmam, não mesmo anulam-nas. Assim, sem mesmo fazer presente o caso de certos países como a Austrália, Nova Zelandia ou Argentina onde a atividade pastoril tem grande relevância e que registram adiantado grau de progresso, é preciso considerar antes de mais nada o destacadissimo papel que as pastagens estão exercendo de guardião do nosso sólo. Com efeito, é facil imaginar o tremendo desgaste que a erosão já teria provocado nas áreas atualmente ocupadas com pastagens se as mesmas tivessem continuado a ser cultivadas com algodão, ou outras culturas. Nas condições atuais das nossas atividades agrícolas, com alto preço do maquinário, carência de técnicos, pouco desenvolvida mentalidade de preservação do sólo etc., os efeitos dos trabalhos de conservação dèste, têm forçosamente que ser limitados a uma pequena porcentagem da área cultivada. Muito difficilmente, tais trabalhos poderiam, em curto período, extender-se por grandes áreas representando parcela ponderavel da superfície de cultivo.

O capim, embora provavelmente em nenhum caso tenha sido plantado com esse objetivo vem contribuindo indireta mas relevantemente para o resguardo da fertilidade do sólo, não só pela maior resistência que, em relação às culturas, costuma opôr à erosão, como também, pela quantidade relativamente moderada de elementos que retira da terra. Desde que ocorram condições propícias, as pastagens poderão, à qualquer momento, voltar a ser cultivadas, oferecendo um sólo relativamente rico para o plantio.

Dir-se-á que a nobreza desta função perde todo o sig

nificado em virtude de terem sido as matas derrubadas também em consequência da atração exercida pela pecuária, já que esta atividade entrava, desde o início, na programação daqueles que cultivavam as terras virgens durante dois ou três anos e depois transformavam-nas em pastos. Não importa, pois o expediente não deixa de exercer seu papel conservacionista e o mais provável é que as matas fossem derrubadas independentemente daquela alternativa. Ademais, muita área aberta em função exclusiva da exploração de culturas e que de há muito vinha sendo cultivada, acabou por receber capim, sendo pois colocada em relativo descanso e mais ou menos preservada contra a erosão.

Além do aspecto que vem de ser ponderado, avulta também o fato de constituir a pecuária de corte, uma das atividades que, em longo período, melhores perspectivas econômicas apresenta para o nosso País, não só em decorrência da ampliação do mercado interno como também pelas possibilidades oferecidas pela exportação. Nesse sentido, o progresso por que vem passando a pecuária em São Paulo, poderia ser tomado como uma fase preparatória, necessária á estruturação, em bases racionais, da exploração dos seus rebanhos, contribuindo para assegurar a presença do produto brasileiro nos mercados internacionais.

Assim, a expansão da pecuária em São Paulo, que entre os censos de 1940 e 1950 pode ser avaliada pelo aumento de cerca de 36% na área das pastagens e que, até o momento, continua a indicar progresso nos seus mais importantes setores como quantidade e qualidade do rebanho, melhoria das pastagens, aperfeiçoamento dos métodos de criação, ampliação das instalações rurais etc, não pode ser encarado apenas pelo seu lado menos positivo. Os 8 211 060 hectares que, segundo recente pesquisa da Secretaria da Agricultura, constitue a superfície ocupada por "pastos formados" representa um esforço considerável e dão a medida da importância econômica dessa atividade. Somando-se àquela dada as áreas ocupadas com campos e cerrados, obtém-se um total de 13 147 860 hectares ou, aproximadamente, 57,5% da área utilizada no Estado segundo a referida pesquisa e ainda, mais de 53% da sua área geográfica, os quais são, em sua maior parte, ocupados pelos bovinos de carne e leite.

Por fim, assinala-se ainda que o desenvolvimento experimentado pela pecuária paulista nos últimos anos colocaram definitivamente o Estado em posição de disputar, com o Rio Grande do Sul e Minas, a liderança, da pecuária brasileira, em seus principais aspectos.

Merece portanto ser apreciado objetivamente, pesando se-lhe os prós e contras, o firme e contínuo avanço que, quantitativa e qualitativamente, vem registrando a criação de bovinos

em São Paulo.

De resto, essa expansão é passível de ser orientada para rumos certos. Isso se conseguiria com a generalização entre os agricultores do sistema de rotação, com culturas e pastagens, tal como é empregado em muitos países de agricultura avançada. Seriam assim removidos todos, ou quase todos os inconvenientes resultantes do desenvolvimento um tanto desordenado da pecuária, com benefícios reais para o rendimento unitário e a produção agropecuária de todo o Estado. Faz-se necessário portanto a adoção duma política que vise incentivar a rotação entre culturas e pastagens, na exploração da terra. Medidas de fomento, com o esclarecimento técnico junto aos lavradores e pecuaristas e reduções de impostos ou facilidades no pagamento dos mesmos áqueles que adotassem aquela prática, poderiam por exemplo, ser incluídas no esquema geral daquela política.